

*CADÁVER DE UM DESCONHECIDO  
encontrado na Praia do Mastro em 3-4-1960:*

1. *Indivíduo do sexo masculino, 1,72 m de altura, bom estado de nutrição, idade provável cinquenta anos----*
2. *não aparenta rigidez cadavérica; não tem livores -----*
3. *na calote craniana, ao nível da sutura dta. occipito-parietal, há uma perfuração circular de 4 mm de diâmetro provocada por projétil -----*
4. *perfuração do temporal esq., na tábua interna-----*
5. *ruptura da dura-mater ao nível dos orifícios descritos nos ossos -----*
6. *a órbita esq. apresenta uma fractura esquirolosa com perda de substância óssea numa área circular de 4 mm de diâmetro, à qual se segue um trajecto que se dirige para o lado direito do paladar duro -----*
7. *encéfalo em putrefacção adiantada, com o aspecto de uma massa verde-cinzenta, fétida -----*
8. *perfuração do 3.º espaço intercostal com infiltração hemorrágica do músculo circunvizinho -----*
9. *perfuração do saco pericárdico-----*
10. *perfuração do esófago -----*
11. *coração: 4 perfurações interessando sucessivamente a aurícula esq., apêndice auricular esq., artéria pulmonar*

*e base do ventrículo, pesa 300 g, em avançado estado de putrefacção -----*

- 12. perfuração da 7.<sup>a</sup> vértebra dorsal num orifício circular de 4 mm de diâmetro que é início de um trajecto que se prolonga até ao canal raquidiano onde se encontra alojada uma bala de arma de fogo -----*
- 13. outro projectil na região muscular do cotovelo esq.*
- 14. bala de arma de fogo alojada no estômago, com depósito de abundante massa sanguínea -----*
- 15. ausência de sinais de homossexualidade activa ou passiva-----*

*Ap. Exame «in situ»: Areal acidentado de pequenas dunas, numa das quais, a cerca de 100 m da estrada se viu a descoberto um cotovelo humano e um joelho cujos tecidos se apresentavam parcialmente destruídos----- e cobertos de moscas. Removida a areia com os cuidados necessários, encontrou-se o corpo de um indivíduo do sexo masculino deitado na posição de decúbito lateral esquerdo em adiantado estado de decomposição. Calçava sapatos trocados, isto é, o pé direito no esquerdo e o do esquerdo no direito, e meias de lã em bom uso. Cronómetro de pulso marca Tissot MM parado nas 05.27.41 horas. Não foram encontrados documentos, haveres ou quaisquer referências pessoais. Nas regiões a descoberto algumas peças do vestuário apresentavam-se rasgadas pelos cães --*

----- um dos quais, cão de fora e jamais identificado, foi aquele que chamou a atenção dum pescador local e o levou à descoberta do cadáver. Este cão parece que tinha sobrancelhas amarelas, que é coisa de rafeiro lusitano. Provavelmente andava à divina pela costa e como tal deve ter pernoitado na zona dos banhistas que nesta época do ano se resume a algumas armações de ferro e pavilhões a hibernar. Pelo terreno encontravam-se restos de férias, farrapos de jornais soterrados no areal, um sapato naufragado, embalagens perdidas; a bóia de socorros a náufragos sempre à vista, dia e noite; refugos de marés vivas; o conhecido cartaz *PORTUGAL, Europe's Best Kept Secret, FLY TAP* crucificado num poste solitário. Foi neste verão fantasma que o cachorro em viagem se veio acolher.

Ao alvorecer seguiu jornada rumo ao norte, precisamente na direcção mais deserta, o que não se compreende tratando-se dum animal aos sobejos, a menos que algum fio de cheiro urgente o tivesse chamado de longe; e assim deve ter sido porque quando passou pelo pescador ia a trote direito e de focinho baixo a murmurar. Levava destino, isso se via. Logo adiante apressou o passo, entrou em corrida e perdeu-se nas dunas.

Porém não tardou a aparecer, desta vez esgalgado no cume das areias a uivar para os fumos que vinham do oceano. Isto, bem entendido, intrigou o pescador que pelo sim e pelo não se dirigiu às arribas, sem que o animal interrompesse um só instante o seu apelo ou o olhasse sequer. E o pescador subindo sempre foi-se chegando a ele e já muito próximo parou e viu:

Viu no fundo duma cova uma conspiração de cães à volta do cadáver dum homem; alguns saltaram para

o lado assim que ele apareceu mas logo retomaram a presa; outros nem isso, estavam tão apostados na sua tarefa que se abocanhavam entre eles por cima do corpo do morto.

Há aqui uma certa ironia, diz o inspector Otero da Polícia Judiciária. Segundo consta, a vítima gostava desvairadamente de cães.

A INVESTIGAÇÃO  
7 de maio de 1960



## I

Presente nos autos e em figura própria Elias Santana, chefe de brigada. Indivíduo de fraca compleição física, palidez acentuada, 1 metro e 73 de altura; olhos salientes (exoftálmicos) denotando um avançado estado de miopia, cor de pele e outros sinais reveladores de perturbações digestivas, provavelmente gastrite crónica. No aspecto exterior nada de particular a registar como circulante do mundo em geral a não ser talvez a unha do dedo mínimo que é crescida e envernizada, unha de guitarrista ou de mágico vidente, e que faz realçar o anel de brasão exposto no mesmo dedo. Veste habitualmente casaco de xadrez, calça lisa e gravata de luto (para os devidos efeitos) com alfinete de pérola adormecida; caranguejo de ponteiros fluorescentes, marca Longines, que usa no bolso superior do casaco com amarra de ouro presa à lapela; farolins de lentes grossas, à toupeira, com comportamento mortiço; carece de capilares no couro cabeludo, o crânio é pautado por cabelinhos poucos mas poupados, e distribuídos de orelha a orelha.

[*Elias Cabral Santana*, folha corrida: n. em Lisboa 1909, na freguesia da Sé, filho dum juiz de comarca. Estudos liceais no Colégio de São Tiago Apóstolo, que abandona por

morte dos pais, tendo ficado aos cuidados da irmã até à maioridade. Jogador nocturno e cantor lírico em academias de bairro. Após um período de internamento no Sanatório da Flamenga, Loures, é admitido como estagiário na Polícia Judiciária (10-7-1934) por despacho do então director, juiz Bravo. À margem é conhecido por Covas ou Chefe Covas decerto porque, prestando serviço na Secção de Homicídios há mais de vinte anos, tem passado a vida a desenterrar mortes trabalhadas e a distribuir assassinos pelos vários jazigos gradeados que são as penitenciárias do país. Com louvor e dedicação, também consta da sua folha de serviços. Com a reserva e a sem paixão que competem à sua especialidade e tanto assim que jamais pronuncia a palavra Defunto, Finado ou Falecido a propósito do cadáver que lhe é confiado, preferindo tratá-lo por De Cujus que sempre é um termo de meretíssimo juiz. Elias Santana, o Covas, costuma responder que «anda aos calados» quando porventura o encontram em serviço a horas e em locais inesperados e por aqui já se pode avaliar a discrição e a naturalidade com que encara os mortos e os seus matadores, nada mais tendo a declarar.]

Assim sendo, e na sequência dos factos ocorridos no dia três de abril do corrente ano de mil novecentos e sessenta, passadas que foram setenta e poucas horas sobre o achamento do cadáver dum desconhecido na Praia do Mastro, a cinquenta quilómetros de Lisboa, o mencionado Elias Chefe, por sobrenome Covas, medita sentado na cama com o jornal da véspera aberto na página do crime.

Está em pijama de cetim. São sete da manhã no seu domicílio à Travessa da Sé, terceiro andar alto com vista para o Tejo. O quarto é um compartimento interior com postigo oval a dar para a escada. Cómoda bojuda, matriarcal. Mesinha-de-cabeceira em mogno, tampo de mármore,

escarrador de porcelana colorida. Lençóis bordados com monogramas das iniciais MT entrelaçadas.

Elias parece suspenso entre o jornal e o sono. Mas não: medita de facto, e na direcção dum altar de fotografias armado em cima da cómoda. Numa delas vê-se o juiz de toga e de esposa ao lado; noutra, os mesmos e uma menina de folhos, ao colo da mater; numa terceira, o casal e a filha mais um infante montado num cavalo de pasta (em fundo distingue-se perfeitamente um pano de cenário de jardim de repuxos, a menina já não tem folhos e está de pé segurando uma bicicleta pelo guiador); por último, um rosto de mulher jovem em moldura de prata, olhar suave, pureza e melancolia (o sinal ao canto do lábio é o mesmo da adolescente da bicicleta mas mais pronunciado, mais pessoal, e agora a testa é encimada por um caracol de cabelo).

Elias está sem óculos, tem pálpebras pisadas e rugosas como as dos perus. Mastiga em seco fitando sempre (através das pálpebras? por uma réstea sumida?) aqueles retratos desfalecidos em sépia de antepassado. Depois levanta-se e atravessa o corredor, há aqui um cheiro que não engana: ratos?

Em chinelas, jornal na mão, dirige-se à cozinha mas antes visita dois quartos de móveis amortalhados que lhe ficam em caminho (*le tour du propriétaire*, como dizia o falecido pai em Elvas quando dava a sua volta pela quinta antes de ir para o tribunal). Vai a um, vai a outro, espreita o vulto das pratas amontoadas em cima da mesa, os canapés e os cadeirões de damasco, tudo envolvido em lençóis; e o espelho soleníssimo, o aparador de nogueira e a estatueta do pescador que mergulha a linha no vidro do aquário onde em vez de água ou de peixes está depositada uma maçaneta de porta; o guarda-jóias,

o licoreiro; e mais sudários, mais extensões de brancura; uma morgue doméstica de objectos trabalhados. Em cada quarto há ratoeiras – mas intocadas, escarnecidas, porque ratos de casa não vão em milagres, diz Elias, e os desta são tão sabidos que até escapavam ao radar se fosse preciso.

Entra na cozinha. Cozinha, pia de pedra e janela para as traseiras onde há varandas com pombais e roupa estendida a secar; vasos e caixotes de flores nas janelas, ervas selvagens a crescerem nos telhados por onde passeia a rataria, antenas de televisão. Elias, com lume brando e desencanto que baste, aquece o leite da manhã.

Daí a nada já atravessa o corredor atrás duma malga fumegante e vai sentar-se numa sala com janelas sobre o Tejo. Fragatas, cacilheiros de vaivém. A labareda gigante da Siderurgia lá longe na Outra Banda e ali à mão rolas a arrolhar de papo em beirais pombalinos e gatos narcisos a lamberem-se ao sol.

Elias mergulhando bolachinhas no leite mel: Temos que com isto são oito horas e hoje vai ser um dia sem santo nem maré.

Falou na direcção duma caixa de vidro que está por baixo da janela. Areia, é que se vê lá dentro. Depois, abrindo o jornal: Para já, é o dia do coice do morto, mano. Coice do morto, alguma vez ouviste falar?

Plantada na areia, há uma criatura a escutá-lo no fundo da gaiola vidrada, percebe-se agora. A escutá-lo ou alheada em sono aparente, não se sabe. Um lagarto. Lizardo de seu nome, lagarto de estimação, corpo arenoso. Parece em eterna posição de arrancada, cabeça imóvel, pescoço para a frente, os compridos dedos das patas traseiras todos abertos e firmados no chão.

Estás-te nas tintas, continua Elias, um olho nas sopas, outro no jornal (mas é ao lagarto que se dirige, é para ele que desabafa). Um rastilhante como tu tem mais em que pensar.

#### IDENTIFICADA A VÍTIMA

trata-se do ex-major do Exército Luís Dantas Castro que em Dezembro passado se tinha evadido do Forte da Graça, em Elvas, onde aguardava julgamento por participação num abortado golpe militar

e isto não é mais que a patada do mau defunto. Coice do morto, assim chamado, porque vem em pantufa de fantasma, ninguém espera, ninguém vê, e dá em cheio no vivente desprevenido que é para o caso o bom Elias.

Entre o lagarto Lizardo e a malga das sopas o chefe de brigada está todo virado para o estendal de notícias que se abre diante dele com badaladas de primeira página a anunciar o defunto. Retrato do dito: o De Cujú, dito cujo, fardado de oficial. Descrições, conjecturas sobre o podre, um cheiro a cadáver que até arrepiã. Depois vem o passado, história antiga, como é uso nas conversas de velório, o morto fez, o morto aconteceu, ai coitadinho; e *andante*, *andante*, resmungo o polícia em pijama, segue o funeral. Agora juntam-se mais três à procissão,

#### OS SUSPEITOS,

e qualquer deles, *dramatis personae* postos na praça pública para servirem ao jogo das reconstituições, qualquer deles – uma mulher, um arquitecto e um cabo são em fotografia de jornal pouco mais que rostos carboni-

zados. Uma mulher, Filomena. Mal se lhe percebe o olhar mas vê-se que é nova, muito nova. O outro, um cabo. De bivaque e todo tão suspenso, tão à mercê da máquina que o estava a fotografar. Uma criança. O outro também, o arquitecto. Quase sem barba, sem rugas, tem o ar compenetrado de quem cumpre um momento solene. E estes são os três suspeitos, os que mataram e levaram o segredo com eles. Já foram gente, é o que lembra vê-los assim impressos, em grão de cinza.

Elias: *Andante, andante*, que o coice do morto vem mais para o fim.

Sabe tudo linha a linha, pode dizer-se. Leu e releu o jornal, e por isso acelera a pauta (como na música) *andante, andante*, até que a páginas tantas bate com a mão: Cá está. Aqui a notícia entra em oração de sabedoria encomendando o defunto para o lado pior do inferno, o mais torvo. Política, eis o pecado,

uma vez que, tendo sido posta de parte a hipótese de crime sexual a princípio admitida, todos os indícios recolhidos, indicam estar-se em presença de um assassinio político. O facto de o cadáver ter sido calçado com os sapatos trocados é por si só revelador, pois constitui uma prática da execução dos traidores entre os grupos clandestinos

e nestas entrelinhas Elias está mesmo a ler que é por aí que a Pide vai entrar, não tarda, e então é que vai ser o bonito, duas polícias a desconfiarem uma da outra que é como os meus olhos te viram. Já sinto o Anjo Leproso a escaldar-me aqui a orelha, avisa ele em voz alta para o lagarto Lizardo. Topas, irmão?

A olho rasante passa por cima da página dos cinemas e Notícias do Ultramar, paz plurirracial, Fim do silêncio com os aparelhos Sonotone, preços populares, Luas & Marés. O pior, pensa, é que há gente que só lê os jornais à contraluz para descobrir a palavra apagada pelos polícias da caneta e quando não a descobre inventa-a. Isso é uma censura segunda, confusão a dobrar, e qualquer dia andamos mas é todos a ler o escrito pelo escrito (se é que essa palavra existe nos dicionários) porque a nós ninguém nos come por parvos, Portugueses, e ao Elías PJ ainda menos, não lhe custa nada a admitir que a Pide há muito que sabia do crime e que só esteve a fazer tempo para passar o cadáver à Judite Judiciária com todo o malcheiroso que assanha o público e transforma os agentes da Benemérita nos servidores caluniados do dever.

Lizardo mantém-se impenetrável no seu planeta de vidro. É um dragão doméstico; pequeno mas dragão. É pré-histórico, sobranceiro ao tempo. O dono acerca-se dele para verificar o termóstato fixado na gaiola porque é mudança de estação e há que regular o calor. No verão tem muitas vezes que humedecer a areia para que o animal não se excite e não se ponha a bater o rabo com lembranças da fêmea ou de penhascos de sol a pino.

Elías levanta os olhos para a janela: Como e quando é que a Pide vai actuar? Sempre ouviu dizer que: Polícia que espia polícia é criminoso a dobrar. Isso admite-se?

No céu, o azul de abril foi rasgado pelo sulco dum avião a jacto a caminho dos infinitos.

Elías: Qual será o papel do inspector no meio desta jogada? Dr. Otero, inspector: «As polícias devem prestar-se colaboração no âmbito das suas competências.» Pois, no âmbito das competências. Elías está a vê-lo, óculos

fumados, a falar pela boca do Director. As mesmas palavras, o mesmo bater de cigarro para dar tempo à frase. Disse alguma coisa, Covas?

### *Ninguém o trata por Covas*

Ninguém na sua presença o trata por Covas a não ser o inspector. Justificação: andaram juntos na mesma brigada até Otero ter concluído a licenciatura em direito por conta, verdade ou mentira, duma viúva flamejante do bairro das Colónias. Agora há aquele gabinete da Polícia Judiciária, com carpete e maples pesados a distanciá-los aos dois, agente e inspector, e um retrato do Salazar na parede. Disse alguma coisa, Covas?

Elias Chefe: A Pide. Já sinto o bafo do Anjo Leproso a esquentar-me na orelha.

Otero ajeita dossiers com mão cuidadosa, volta a página à agenda, arruma cada coisa no lugar próprio da secretária para arrumar as ideias. Para não se precipitar.

Finalmente, o parecer de Otero: As polícias devem-se colaborar no âmbito das suas competências.

Otero, ainda: Isto tendo em consideração que num homicídio político a palavra deve caber à Pide.

Ouvem-se ambulâncias desvairadas na rua, o sol arrasta-se pelo tapete. Se Elias se voltasse no maple poderia ver na janela o abril azul cortado em oblíquo pelo jacto dum avião.

Mas Elias ouve e medita, segue com a unha gigante os veios do braço do maple. Não está nada a ver a Pide a chamar para ela este defunto. Atiçar e ficar de fora, ah isso sim, é menina para isso, agora aguentar com o cadáver nem pensar. As polícias políticas são todas a mesma

droga, diz. Antes que apareça sangue já estão a lavar as mãos com sabão macaco.

Otero diz que não será bem assim. Enquanto havia a hipótese de crime sexual, de acordo, a nós o morto. Mas agora, diz, o caso mudou de figura.

Elias, em cima do lavar da unha: Quando o sangue cheira a política até as moscas largam a asa.

O inspector põe-se a sacudir a lapela do casaco com a ponta dos dedos. Covas, diz ele, quer os gajos queiram quer não queiram, o morto é político, é matéria com *animus conspirandi*. E como você muito bem sabe aí a palavra é da Pide, ou então o que é que ela anda cá a fazer?

Endireita-se na cadeira, Elias só vê dele uns óculos em bronze dourado polaroid a reflectirem a janela e um cigarro a acenar por baixo dum bigode ruivo; o mais, *animus conspirandi* ou *anus conspirandi*, mais cu, menos cu, soa a conversa de empata para jornais amestrados se rirem. Elias lá para ele sabe apenas que: houve intenção, mais nada. Alguém segredou à imprensa que desviasse o caso para o crime comum, apresentando o major De Cuju como um viciado de rabo para a lua a ser estraçalhado por uma matilha de arrebenta-cus.

Chiça, berra o inspector, mais uma ambulância. Tenho dias em que saio daqui todo aos apitos.

Momento, o telefone tocou. Otero responde com acenos, palavras secas. Desliga.

Prepare-se, anuncia então. Acabaram de descobrir a casa dos gajos.

Elias fica de boca aberta: A casa?

Inspector: Um telefonema que a Pide detectou. Mas está vazia, já se deixa ver.